2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 29. QUINTA FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

RECLAMAÇÃO DOS LAVRADORES DE BAIÃO.

324 O interesse, que temos pela nossa agricultura, nos impõe o dever de manifestar o quanto desejamos—que seja attendida uma representação, que foi presente ao Governo, assignada por muitos dos mais importantes lavradores do concelho de Baião, Districto do Porto.

Do seguinte extracto da representação, que temos presente, se collige o fundamento com que esses lavradores se dirigem ao Governo. Em primeiro logar — referem-se a um facto que prejudica, além dos lavradores do concelho de Baião, todos os que jasem nas duas margens do Doiro, fóra da demarcação dos vinhos maduros, e o qual consiste em que, sendo os vinhos dos requerentes conduzidos pelo rio Douro para as barreiras do Porto, são ahi muitas vezes classificados como maduros, para pagarem os direitos de consummo, os quaes importam no dobro do que legalmente devem pagar. Por esta fórma o voto ou opinião de um empregado da alfandega do Porto, se constitue superior a documentos authenticos, que são as guias passadas pelas auctoridades locaes, as certidões do manifesto, e o pagamento do subsidio litterario, nos locaes da producção.

Estando marcado o districto dos vinhos maduros, e gosando os lavradores deste Districto o beneficio dos 150 contos, com que são subsidiados, parece que a lei resolveu antecipadamente a duvida que ora se levanta.

Ao passo que no vinho, a que nos estamos referindo, se lhe faz pagar o direito como maduro, não se lhe concede despacho pela alfandega, para exportação pela barra, porque como produzido fóra da demarcação dos maduros, não podem certamente obter as competentes habilitações.

O que a agricultura precisa que se decida é — se o vinho póde ser maduro na barreira, e verde na barra.

Accresce ainda, que os cobradores do subsidio litterario não abatem no arrolamento os 20 por cento, que a lei manda abonar para quebras, com o pretexto de que taes vinhos são verdes, excepção que não está na lei: mas concedendo que ella se possa admittir por hypothese, como é possivel que o vinho do concelho de Baião seja verde neste caso, maduro na barreira, e torne a ser verde na barra?

Estamos convencidos de que estes factos são devidamente desenvolvidos no requerimento, de que damos noticia, o qual, auctorisado com mais de 300 assignaturas, foi entregue ao Sr. Ministro da Fazenda.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

IV.

(Continuado de pag. 325.)

325 «Teme-se acaso a contrefacção ou falsificação? (Continua M. Blaize em suas ponderações), . . . Mas a abstenção de concorrer áquella vasta exposição não livra desse risco: os fabricantes estrangeiros que copiam os nossos modelos, os nossos desenhos, as nossas maquinas, sabem muito bem procurar aqui sperimens, amostras, desenhos. Demais se tal receio tivesse fundamento, só provaria que somos superiores aos nossos rivaes em certos pontos; e por tanto abster-se de uma tal situação, seria querer perder voluntaciamente o beneficio do exame e dos votos dos com-

pradores estrangeiros, que preferirão sempre dar ordens antes aos creadores do que aos imitadores.

«Finalmente recuar-se-ha á vista da despeza? Mas o estado toma á seu cargo a parte mais pezada, e não o fará com 800:000 francos; e quanto á restante a cargo dos industriaes, se fôr bem comprehendido o intuito da exposição, se os mesmos industriaes se concertarem para agrupar os seus productos, se cada um não mandar senão simples amostras da melhor obra que faz, será ella, a despeza, quasi nenhuma ou insignificante.

«A abstenção da parte dos chefes da industria que alcançaram recompensas da primeira classe em os nossos concursos nacionaes, não se explica, não ha razão para que vá por diante, por quanto, sendo elles quem deve aproveitar mais com a exposição, são elles por isso os que perderão mais com uma representação fraca ou incompleta da producção nacional na concorrencia universal de 1851.

«A administração franceza, que para tomar a peito este assumpto, não se poupa a sacrificios para que a nossa industria occupe o logar de que é digna, deve empregar toda a sua influencia para com os principaes fabricantes a fim de vencer tão perniciosa hesitação.

«Os fabricantes estrangeiros, sobre tudo os de Inglaterra, não olharam a despezas para nos levarem, ha seis mezes, os nossos melhores operarios, os nossos mais habeis desenhadores, a fim de destruir no anno proximo a nossa antiga reputação de superioridade em materia de gosto e de elegancia; este vasto recrutamento, por meio do qual se espera vencer a França combatendo-a com suas armas, impõe á nossa industria a obrigação de esforços energicos, não só para ampliar a exportação e consumo de seus productos, sendo possivel, como tambem para conservar os mercados que fornece. Considerado assim o caso, não é licito aos nossos principaes fabricantes abster-se de concorrerem á exposição; ameaçados pelos seus competidores externos, são constrangidos a defender-se e conjunctamente a defender os numerosos operarios cuja existencia depende da regularidade do trabalho.»

O que diz M. Blaize quanto ás diligencias feitas pelo governo francez, é exacto. A leitura dos jornaes parisienses nos tem informado de que o governo se encarregou do transporte dos productos de Paris a Londres, e do regresso dos mesmos a Paris; egualmente correm por sua conta as despezas com a entrega no logar da exposição, as formalidades nas alfandegas, as cauções pelos direitos, e os gastos de nova empacotação e outros necessarios para a volta: tambem se incumbe do arranjo e da vigilancia do local especialmente destinado aos productos francezes, bem como da organisação de uma junta ou commissão que sirva de intermediaria para as relações entre os agentes inglezes e os expositores. A totalidade destas despezas computou-se em 500:000 francos, somma que pediu á camara o ministro do commercio. A esta somma a commissão parlamentar propoz que se addiccionassem 150:000 francos, a saber — 100:000 francos para a compra de productos que os industriaes francezes possam imitar vantajosamente, para o de algumas maquinas agricolas, e para o trabalho de desenhos que reproduzam á memoria maquinas e processos que aproveitem aos mesmos industriaes: — 50:000 francos para serem empregados, de accordo com as camaras de commercio e as camaras consultivas das manufacturas, em habilitar certo numero de operarios intelligentes e de contramestres de fabricas a fim de visitarem o grande bazar industrial em Londres.

Não obstante os esforços e dispendio da parte do governo, apezar do numero já indicado de 2:500 concorrentes, a imprensa periodica franceza ainda duvidava que a industria do seu paiz fosse digna e completamente representada na exposição universal, affirmando que deixariam de concorrer muitos fabricantes e dos de maior consideração. O *Constitutionnel* julga que o motivo geral de taes abstenções é a suspeita de que esta exposição de Londres encubra um pensamento reservado de *liberdade de commercio*; e accrescenta. «Não será possivel que os pregoeiros do *free trade* ahi procurem pretextos para repetir uma campanha no continente? Será elevado ás nuvens o merito da industria franceza, que tanto sobresahe em dar um caracter artistico aos seus productos. Será gabada a nossa superioridade, coisa mui facil por isso mesmo que não estão escriptos os preços nos productos expostos. Conferir-nos-hão recompensas honorificas; e atraz de tudo isto virá a conclusão. Dir-se-ha que uma industria tão adiantada escusa de protecção: que estamos ao nivel da Inglaterra, se é que a não excedemos; que por consequencia podemos sem perigo supprimir todas as tarifas estabelecidas a favor do trabalho nacional. N'uma palavra, tentarão applicar, á nossa custa, a moralidade da fabula, da raposa e do corvo. Tal é a armadilha que muitos fabricantes creem descortinar debaixo das apparencias da exposição de Londres, e em que não quizeram cahir.»

«O mais provavel é que sómente as industrias de luxo representarão a França nesta exposição. Sem duvida conservaremos o primeiro logar pelo que toca á maior parte dos artefactos, que demandam gosto na concepção, elegancia nas formas, delicadeza no trabalho. Mas, se devemos felicitar-nos por esta superioridade que attesta o desenvolvimento geral do sentimento artistico entre o nosso povo, cumpre não esquecer que, apesar dessas excepções brilhantes, não poderiamos entrar em concorrencia com a Inglaterra nas grandes industrias que fabricam os objectos de consumo ordinario, que satisfazem ás necessidades das multidões, e que por conseguinte occupam maior numero de braços. Lembremo-nos de que a Inglaterra tem por si vantagens que seria loucura desconhecer, taes como as riquezas mineraes do solo, as vias de communicação aperfeiçoadas, a longa experiencia que tem adquirido, e o poder de seus capitaes accumulados. Não imaginemos, pois, cedendo a um estolido amor proprio que nos achamos em estado de nos medir com ella. Aguardemos que as armas sejam eguaes antes de cuidarmos em acceitar o combate em o nosso proprio mercado.»

NAVEGAÇÃO DO DOURO.

Julgâmos de muita importancia, para a questão da navegação do Douro, o que ao diante publicâmos:

326 Senhora! Ha occasiões solemnes em que todo

os corpos do Estado teem o dever de levar aos degraus do throno os seus sentimentos e o dos povos ácerca dos destinos futuros da patria. Portugal experimenta agora uma dessas occasiões, com a proposta da nação visinha sobre a revisão do regulamento para a livre navegação do Douro.

A Camara Municipal de Villa Real, que, com poucas mais do Alto Douro, é chamada pelas leis do paiz a exercer attribuições especiaes para a qualificação dos vinhos, que formam o ramo mais importante do nosso commercio, não podia, por tanto, sem faltar á propria dignidade, e sem trahir a confiança dos seus constituintes, mostrar-se indifferente em uma occasião tão solemne: convocou estes, ouvi-os; e vem, perante Vosso Magestade, servir de orgão dos seus votos.

O mais fervoroso delles é — a salvação da agricultura das Vinhas do Alto Douro.

Mas estas, breve, largarão o campo aos matagaes, que substituiram, se o vinho e mais bebidas espirituosas de Hispanha forem admittidas ao livre transito pelo Douro, para serem exportadas pela barra do Porto. Os nossos lavradores não poderão concorrer no mercado estrangeiro com os hispanhoes, cujo solo marginal do mesmo rio, se não é superior ao nosso, como se affirma, é pelo menos igual, e teem estes sobre nós muitas vantagens, para produzirem mais barato.

Ainda que assim não fosse, só a sua concorrencia matava a nossa agricultura vinhateira. A espera do consumo do vinho, como objecto de luxo, não tem podido dilatar-se com vantagem sensivel, apezar dos esforços de quasi cem annos; donde resulta que o augmento da offerta, não é acompanhado pelo da procura, e aquella reagindo sobre esta, traz a baixa do preço.

Salta deste principio a consequencia de que o vinho não deve concorrer ao mercado se não em certa quantidade, com respeito á qualidade, como causa que contribue á determinação do seu preço. Menos de quatro annos de mui recente experiencia bastarão para desmentir os que affirmaram o contrario, conferindo o baptismo legislativo a theorias que falharam.

Emendou-se o erro na lei de 7 de Abril de 1838, modificada e ampliada pela de 21 de Abril de 1843, que prohibe se exporte pela barra do Porto o vinho, que não fôr produzido dentro da demarcação da Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, e qualificado para embarque; de sorte que os vinhos produzidos nas mesmas margens fóra da demarcação, ou dentro desta, não qualificados para embarque, não pódem ser exportados.

Como póde pois conceder-se a estranhos um favor que se nega aos naturaes? Ha pelo menos egual rasão para lh'o recusar.

Não é menos vehemente o voto que faz esta camara para a conservação actual dos direitos de entrada e consumo dos generos conduzidos do Porto-Franco do Porto, pelo Douro, a Hispanha.

A sua prompta extincção augmentaria e faria insuperaveis as desgraças do Thesouro.

Esmagaria a nossa industria, se a fiscalisação cedesse á seducção do contrabando, que um lucro immenso tornaria inevitavel.

Seria em fim um abandono indesculpavel da unica vantagem que a Providencia nos deu sobre a Hispanha, e que podemos vender bem cara, quando o permittirem as circumstancias do nosso Thesouro.

Mas reconhece esta Camara a reducção aos direitos da navegação dos generos admittidos ao livre transito como meio de diminuir o contrabando, guardada sempre a devida fiscalisação. Não dando sahida livre a estes generos, e mormente aos cereaes, amontoam-se na raia, como mostra a experiencia, e os donos vendem por todo o preço, para os não destruirem sem proveito; dando assim incentivo ao contrabando: de todo o modo entram em Portugal; com a differença que, dando-lhe livre transito, é para exportação; negando-lhe, é para consumo.

A livre navegação não tem facilitado o contrabando; desterrou-o para a raia secca, por onde hoje é introduzido em transportes insignificantes, em vez dos barcos que antes o importavam. É um facto reconhecido que o contrabando tem diminuido, posto que a despeza da importação legal regula por 120 por cada alqueire de pão posto no Porto, e por 90 réis a clandestina.

A depreciação dos generos de producção nacional, é devida á abundancia da producção e desenvolvimento que algumas leis sábias deram á agricultura. A baratesa tem-se sentido mesmo nos generos de que carece a Hispanha, e Portugal abunda; e a esterilidade d'um anno só (1850) foi bastante para alterar os preços.

A reducção da lotação dos barcos destinados á navegação é imposta pela natureza do rio, que nem sempre póde ser navegado em barcos da capacidade de cem quintaes.

Actualmente não tem os hispanhoes um só barco para fazerem a navegação de cabotagem, nem mais que duas legoas de rio praticavel: acima da *Inigosa*, uma legoa além da *Fregeneda*, e duas da confluencia do Agueda, não tem subido barcos.

Porém quando a Vossa Magestade pareça conveniente admittir uma modificação nos direitos da navegação, e a suppressão do § 1.º do art. 1.º do regulamento, será indispensavel que sejam subordinadas a estas duas condições, *sine qua non*: 1.ª Sua cessação dentro d'um tempo limitado, e proxima revisão para aproveitar as lições da experiencia; 2.ª Continuação da prohibição do transito de bebidas espirituosas pelo Douro, e pagamento dos direitos de entrada e consumo dos generos entrados pela barra deste rio, e por elle importados em Hespanha.

Os argumentos deduzidos pelo ministro de Sua Magestade Catholica, em sua nota ao Governo de Vossa Magestade, do direito das gentes, acta do Congresso de Vienna e Convenção de 1835, peccam por se abraçar a regra, sem fazer caso das suas excepções: esses principios indeterminados são subordinados ás condições da existencia e prosperidade de cada nação, ás quaes não renunciamos, nem podiamos renunciar, na convenção; nem o regulamento é contrario a esta, antes della faz parte.

Profundissima é a sensação que produziu no paiz a nota alludida; mas é de esperar da sabedoria dos Governos de duas nações irmãs, que saberão conservar inalteraveis as suas relações amigaveis; poupando ao mundo o horrivel espectaculo das demonstrações barbaras d'um patriotismo feroz, ou de uma guerra cujo

resultado seria apenas — o renascimento de antigas e perniciosas antipathias, e dar-nos mais uma occasião de mostrar que somos portuguezes.

Deus guarde a preciosa vida de Vossa Magestade como todos desejamos.

Villa Real, em sessão do 1.º de Março de 1851. — O vogal servindo de presidente, *Christovão de Mattos Teixeira Pinto* — O fiscal, *José Antonio da Costa Guimarães* — *Antonio José Nunes da Cruz* — *José Luiz de Sousa Dias* — *Antonio Joaquim Borges da Costa Junior.*

O escrivão da camara,
Luiz Antonio Ferreira da Motta.

DOS ESTRUMES OU ADUBOS ARTIFICIAES.

327 Os novos adubos, ou estrumes que são objecto de commercio, tem fixado a attenção de todos os amigos da agricultura. O *Jornal de agricultura pratica*, que se publíca em Paris, tomou a tarefa de registar todos os protestos da sciencia contra suggestões loucas ou criminosas. Ultimamente (em o n.º 20 de Fevereiro proximo passado) inseriu a seguinte carta dirigida de Nantes a M. Neveu-Derotrie, inspector geral de agricultura.

« Senhor. — Tendo recebido a honra de ser consultado por vós, em virtude da minha profissão de chimico, sobre os diversos estrumes novos, que muitos industriaes tem procurado, nestes ultimos tempos, preconisar por via dos jornaes, vou com todo o gosto corresponder á demonstração de confiança que vos dignastes manifestar-me.

« Nunca pude admittir que de nada se podesse fazer alguma coisa; quando appareceram os famosos *adubos* de M. Bickés, inventor do systema *cultura sem estrumes*, recordei-me naturalmente das memoraveis historias dos descobrimentos de Herschel na lua, da couve collossal, da grande serpente marinha, da machina de vapôr, que sustentada por uma barrica devia correr por cima das aguas, e disse para comigo: — depois de taes decepções, ainda haverá credulos? — Achou-os com effeito o pó milagroso de Bickés composto de

Carbonato de cal (cré de Meudon)	70
Carvão de lenha	20
Colla forte	10
	100

Este pó, do qual bastava empregar cinco litros por hectare, quantidade que se vende por 20 francos, teve tão numerosos compradores que o inventor realisou rapidamente avultada riqueza. Dois annos de especulação foram sufficientes para lograr seu intento, e comprovar o seguinte raciocinio, que assentamos teria feito previamente.

« — Ha na França 86 departamentos que comprehendem pelo menos dez milhões de agricultores; fornecendo-me sómente cada departamento cem compradores a 20 francos (ou 172:000 francos por toda a França), quantia em que ganharei ao menos 150:000 francos, deduzidas todas as despezas de fabrico e de annuncios, dentro em dois annos realisarei um ganho de 300:000 francos: e depois succeda o que succeder.

« O bom exito é pae da concorrencia: por isso ao pó maravilhoso, cuja voga ía em diminuição, seguiram-se os adubos liquidos de MM. Huguin e Dusseau, que os jornaes não deixaram de annunciar retumbantemente, como dotados de energicas virtudes.

« O adubo Huguin era composto de:

Residuo de fabricas de refinação	90
Colla vegetal	10
	100

O adubo Dusseau, que por vós me foi remettido para analysar, compunha-se de:

Colla forte	10
Nitrato de potassa } Saes ammoniacaes }	10
Agua	80
	100

Resultado que póde obter-se simplesmente dissolvendo um kilogrammo de nitrato de potassa, um kilogrammo de sal ammoniaco, dois de colla forte, em dezeseis kilogrammos de agua, tomando o cuidado de fazer ferver a dissolução da gelatina durante algumas horas, a fim de que se não converta em geléa. — Os vinte litros de estrumes liquidos assim preparados sahiriam apenas ao agricultor por quatro francos, em logar de 40 francos, preço porque lh'os vende M. Dusseau; e não poderia incorrer na pena de falsificador de um processo privilegiado, por quanto, se bem nos recordamos a especificação no diploma de invenção de M. Dusseau é concebida nestes termos. — « Põem-se a ferver em 20 litros de agua, por espaço de vinte e quatro horas, dois kilogrammos de retalhos de pelles, deixa-se assentar o liquido e decanta-se, feito o que se lhe ajunta, um kilogrammo de colombina e $\frac{1}{3}$ dito de guano; depois de nova ebullição decanta-se outra vez, e finalmente dissolve-se neste liquido um kilogrammo de nitrato de potassa e um kilogrammo de chlorhydrato de ammoniaco. »

Em summa, julgamos que esta nova carreira em que se pertende metter os nossos agricultores, se offerece alguma vantagem tem por outro lado bastantes inconvenientes: que neste ponto, como em tudo cumpre ser eclectico, saber escolher o bom e rejeitar o máu; por isso pensamos que o methodo de *tostar* as sementes, antes de as lançar á terra, com adubos que contenham phosphatos, saes ammoniacaes ou calcareos é mui digno de ser recommendado. Todavia é mister não cahir em illusões, e crer que, por beneficio daquelle methodo, os estrumes naturaes são inuteis. M. Dusseau tanto o conhece que prescreve que as terras sejam estercadas por metade do que dantes se praticava; faria melhor se mandasse lançar os estercos por inteiro. Effectivamente, pensamos com todo o fundamento, apezar dos arrazoados de M. Moigno, e de nosso antigo condiscipulo Ville, que é necessario res-

tituir ao terreno as materias salinas absorvidas pelas colheitas precedentes, e introduzir-lhe o maior numero possivel de despojos de corpos organisados; porque, a natureza não é systematica, e sabe tirar partido de todos os entes destruidos para reconstruir outros novos sob outras fórmas variadas. — Sou etc. — Nantes, 10 de Dezembro de 1850. — *Ed. Moride.*

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIV.

Amores.

328 Haverá felicidade no mundo, haverá: mas no coração do homem certo é que não existe, ella perfeita. Esperar e desejar, é bom ás vezes, mas a felicidade não está, não póde estar nem na esperança, nem no desejo. E se a esperança se realisar, se o desejo fôr satisfeito, então isso é a felicidade de certo? Pois não é; porque vem a desconfiança, vem a incertesa, vem a incredulidade, vem o susto, vem tudo perturbar o praser, que se não chegou a gosar absolutamente completo, avivar as saudades de um passado que não merece saudades, dar vida a novas esperanças que, se um dia se realisarem, perderão o valor, o encanto, o prestigio, com que a vaga imaginação as enriqueceu.

Venha o feliz triumphador, venha no momento da victoria, quando todo um povo prostrado no pó, o admira, o louva, o adora, e diga-nos se não tem no mais recondito esconderijo do coração uma tristesa profunda, que lhe não deixa gosar a felicidade da gloria, que lhe faz subir as lagrimas aos olhos, quando mal nos labios se formou o riso da alegria? Venha o avarento, com todos os seus thesouros, cercado de gemmas preciosas e de pilhas de oiro, e diga-nos, se a riqueza é a felicidade, ou se não é antes a inquietação de todas as horas, diga-nos, se a riqueza não é martyrio, quando o susto se ergue pallido diante dos olhos, e o terror cinge e aperta nos braços descarnados o corpo fragil do avarento? Venha o homem que a inspiração guiou pelos incommensuraveis espaços da poesia, a quem a Providencia revelou algum dos sublimes segredos, que só de seculos a seculos ella diz á humanidade pela bocca dos poetas, e diga-nos, se, nas horas silenciosas da noite, nas horas da solidão, quando o pensamento oscila incerto entre o passado e o futuro, entre o real e o imaginario, entre a terra e o céu, diga-nos se, nessas melancolicas horas, elle se não sentiu pequeno e fraco diante da immensidade das coisas creadas, se não sentiu infinita tristeza repassar-lhe a alma, se não pediu a Deus que lhe tirasse o dom fatal do genio, que consome o espirito, e lança na sepultura ainda no verdor dos annos os que o possuem? Venha tambem o amante, que todos imaginam, que todos julgam perfeitamente ditoso, porque passa a vida aos pés da mulher que adora, escutando-lhe palavras e suspiros que recendem ternura, venha o amante nesse mesmo momento em que recebe n'um extasi de paixão as mais ardentes, as mais fascinadoras provas de amor, e diga-nos se não sente a melancolia passar sobre a sua felicidade, como nuvem ligeira sobre a face do sol em dia de primavera, diga-nos, se vago e indefinido receio o não faz subitamente estremecer, quando elle descuidoso se entrega aos encantos de uma ventura, que nada parece ameaçar?

Francisco de Albuquerque, o capitão Francisco de Albuquerque, que nós deixámos na liteira da Calcanhares, para onde o transportára adormecido o licenciado Antonio do Prado, estava agora, na mesma tarde em que tinham logar todos os successos, que narrámos nos ultimos capitulos, no camarim da sua amante, nesse camarim todo veludo, brocado e pérolas, em que elle ouvíra pela primeira vez, da propria bocca de Margarida, a mais casta e suave confissão de amor que ouvidos de homem namorado pódem escutar. Com o rosto palido e ainda abatido, cercado por longos anneis de um cabello negro e brilhante, os olhos um tanto encovados mas relusentes de amor, o corpo envolto n'uma ampla *roupa de chambre* de veludo azul-escuro, que abrindo-se no peito, deixava sahir em flocos as rendas que lhe ornavam a camiza de finissima cambraia, recostado ligeiramente sobre uma pilha de almofadas, Francisco de Albuquerque contemplava melancolico o rosto suave, a angelica formosura da sua amada.

O moço capitão amava, e era amado. Separado do resto do mundo pela morte, porque todos na côrte o julgavam assassinado, elle só existia para a Calcanhares, e esta só para elle vivia tambem. Desconfiar da pureza da alma de Margarida, da castidade da singeleza daquelle coração, a que elle fizéra sentir a primeira vibração de amor, isso não fazia, não podia Fran-

cisco de Albuquerque fazer já. Eram tão diaphanos os olhos de Margarida, liam-se tão claramente atravez delles os pensamentos, e depois havia tanta espontaneidade nas suas palavras, tanta candura nos seus sorrisos, tanta virgindade em todos os seus modos e gestos, que era preciso ser cégo e duro de coração para não crer em tudo que ella dizia. Os dias haviam passado, e com elles aquelles amores em vez de diminuir — dizem que o tempo mata os amores — só tinham crescido, crescido a não poderem crescer mais.

A convalescença de uma longa e perigosa enfermidade, esse periodo em que os orgãos acordam do torpôr que lhes causára a prostração das forças vitaes, e ao acordarem sentem com incrivel perfeição; em que a vida, recomeçando por assim dizer, parece mais variada nas impressões, a terra mais bella, mais florida, mais fragrante, o céu mais luminoso e diaphano, o ar mais puro e mais rico do principio que alimenta a existencia; esse periodo, em que a alma, abrindo-se como a flôr orvalhada pelo rocio da noite depois de um dia abrasador, só exhala perfumes, só está disposta para a ternura, para a melancolia, para o amor, esse periodo, passou-o Francisco de Albuquerque nos braços da formosa, da meiga, e amoravel Margarida.

Margarida estava alli, meio assentada, meio ajoelhada sobre as almofadas que serviam de recosto ao namorado capitão; o corpo flexivel e onduloso dobrava-se-lhe em graciosa curva, inclinando-se um pouco para diante, de modo que o seu rosto, bello como o das virgens de Murillo, e naquelle momento illuminado pelo reflexo purpureo das nuvemsinhas espalhadas no céu como ondas espumosas de um oceano phantastico, estava tão proximo do de Francisco de Albuquerque, que este podia quasi respirar o halito brando e perfumado que se lhe exhalava dos labios semi-abertos, que o prazer tornava vermelhos como as pétalas da flôr da romeira.

Franscisco de Albuquerque conquistára o mais precioso thezouro, que o homem póde possuir, uma amante bella, que o amava com a candura, com o inconsiderado abandono que só no primeiro amor se encontra, e que dá suavidade de anjo á mulher pura e simples, que nem quer, nem sabe resistir aos impetos da paixão que a domina. E com tudo Francisco de Albuquerque não era perfeitamente feliz; e tinha quasi remorsos de o não ser. Aquelle amor que a propria felicidade alimentava, aquelle deslizar socegado por dias sem sombra, aquelle esvaecer da existencia por horas que se não contavam, todo aquelle viver, que não parecia deste mundo, lhe lançava no espirito um véu de melancolia que lhe embaciava a cada instante os raios de magica luz, que a formosa Margarida derramava ás torrentes em roda de si. Ou fosse vão receio ou presentimento, o que é certo, porém, é que o moço capitão encontrava naquelles amores esse travo ligeiro mas indestructivel, que em todas as felicidades da vida descobre o homem, cujos sentidos e espirito tem a necessaria delicadeza para gosar e para soffrer.

Margarida vira no rosto do seu amante a alegria extinguir-se pouco a pouco; vira as palpebras baixarem-se-lhe convulsivamente, e depois os olhos ficarem nessa immobilidade espasmodica, que acompanha sempre a concentração do espirito nas pessoas melancolicas, e, para o tirar brandamente daquelle estado, reclinou-se tanto, tanto, que os seus labios pousaram quasi sobre os delle. Os cabellos annelados da bella Calcanhares passaram sobre a face de Francisco de Albuquerque, ligeiros e flexiveis, como as azas de uma borboleta; e este quasi imperceptivel contacto bastou para desvanecer as idéas melancolicas do moço namorado, para o chamar á felicidade e ao amor. Ha, é sem duvida, ha nos cabellos da mulher um fluido desconhecido, que actua sobre os nervos do homem namorado, com poder egual ao das correntes galvanicas:

Francisco cingiu com o braço direito o corpo gentil da sua amada, murmurando.

— Sou feliz, Margarida.

— És feliz, Francisco, és feliz; e vejo-te sempre tão triste? — acudiu a Calcanhares surrindo, mas com lagrimas de ternura a marejarem-lhe dos olhos.

— Olha, Margarida, não sei o que tem esta nossa felicidade, que faz tristeza. É talvez o receio de a vêr acabar; é talvez porque a alma, em quanto está aqui na terra, não tem força para gosar prazeres que são do céu; talvez... nem eu me atrevo a dizel-o, é talvez o ciume, que me faz, não estar triste, porque o não estou, mas cair em melancolia.

— O ciume? De que tens, de que pódes tu ter ciume?

— Ainda m'o perguntas? Pois tu não me deixas aqui só ás vezes para ir ao paço estar com El-Rei?

— Ha tantos dias, ha quasi um mez que lá não vou!

— Tens saudades?

— Não, ai! não. Permitta Deus que eu nunca mais lá volte.

— Então vem, vamo-nos para longe daqui. Fujamos para muito longe de Lisboa. Em toda a parte podemos ser felizes um com o outro; e aqui o nosso amor está sempre em risco.

— Não me peças que fuja comtigo: não m'o peças, porque eu não te sei resistir. Lembra-te que devo tudo ao conde de Castello-Melhor, que até ter-te vivo aqui a elle o devo; lembra-te que só eu posso domar as furias de El-rei, que tenho impedido, por muitas vezes, crimes que causariam horror ao mundo inteiro, e deitariam a perder D. Affonso e com elle o reino todo.

— E accusam-te de crimes, a ti minha pobre Margarida, que és um anjo, uma santa! — exclamou Francisco, enternecido.

— Que me importa a mim, que me accusem. Deus sabe que sou innocente; e tambem tu o sabes, não é assim?

— És innocente e martyr.

— O martyrio acabou já. Tenho-te ao pé de mim, e é o que basta para ser feliz.

— É uma felicidade que não póde durar muito, esta nossa. De um instante para o outro póde saber-se que eu estou aqui escondido; tens um inimigo terrivel no paço...

— Henrique Henriques.

— Henrique Henriques. Elle ama-te, tem ciumes de ti, traz-te cercada de espiões: devemos recear tudo de um homem assim. Bem viste que cuidados, que cautelas, que disfarces foram precisos para eu vir, mesmo fóra de horas, de Xabregas para esta caza. E quando eu lá estava naquella triste caza de Xabregas, doente quasi a morrer, quantas vezes me deixaste só dias inteiros pelo receio que tinhas desse homem? Vem, Margarida: o teu martyrio deve acabar por uma vez. El-Rei está casado; e a Rainha que é, dizem, uma virtuosa, uma sancta princesa, ahi está para aconselhar, e socegar D. Affonso.

— A Rainha, Francisco, a Rainha é inimiga do Castello-Melhor; quer deital-o a perder, tirar-lhe o valimento...

— E tem rasão a Rainha, porque o Conde..

— Lembra-te que foi elle quem te salvou a vida.

— A vida, a vida se necessario for darei eu por elle: mas dizer o contrario do que penso, isso não faço eu.

— Pois pensa, pois dize o que quizeres — acudiu Margarida acariciando-o; — mas não sejas ingrato. E tem-me sempre muito amor, que é o que mais me importa.

— Margarida, de véras, nós não podemos viver assim por muito tempo — disse Francisco d'Albuquerque passados alguns minutos. — Eu morri para o mundo, toda a gente daqui a pouco se terá talvez esquecido de mim: só para ti existo ainda, Margarida, e é preciso que só para mim tu vivas tambem. Em quanto estivermos em Lisboa, não poderei ter um dia de socego: vem, vamos para uma herdade solitaria do Alemtejo, viver um com o outro, um para o outro.

— Fr. Pedro de Sousa ha de vir esta noite: confessar-lhe-hei tudo; pedir-lhe-hei que nos ajude, que nos aconselhe.

— Queres confessar tudo a Fr. Pedro? Irá dar aviso ao sobrinho, ao Conde, e não te deixarão sahir desta caza. E se Henrique Henriques souber que eu ainda vivo, que estou aqui, que sou amado por ti, mandar-me-ha assassinar.

— Fr. Pedro é um sancto incapaz de trair ninguem, e muito menos de me trair a mim; porque é meu amigo de véras, o sancto do velho.

— Ai, minha querida Margarida, se me vejo longe desta caza, n'um sitio bem deserto, onde não haja ninguem senão eu e tu, onde se não saibam novas do mundo, onde as nossas palavras de amor interrompam apenas o silencio da solidão, então é que eu sou feliz, então digo que não ha quem seja mais feliz do que eu!

— Cala-te! És um ingrato — exclamou a Calcanhares fechando graciosamente com um dedo a bocca do seu amante.

— Ingrato! Por querer viver só comtigo, sou ingrato, eu?

— Esqueces-te de quem te ama?

— De Luiz de Mendonça?

— Desse te não esqueces tu. E que te esquecesses; conhece-lo de ha pouco, não era para admirar. Mas della... da pobre Thereza...

O moço capitão estremeceu, e o rubor subiu-lhe á face, ao balbuciar:

— Não me esqueço... quero dizer...

— Dize, Francisco: falla-me com sinceridade. No fundo de tua alma tens pena, tens quasi remorsos de a ter abandonado, de lhe ter pago tão mal o seu amor.

— Porque me fallas tu assim desse amor, que... que não existiu nunca?

— Não lh'o tiveste tu a ella; mas Thereza amava-te...

— Talvez.

— Não duvides, não duvides do amor daquella infeliz mulher; essa tua duvida é um sacrilegio — accudiu Margarida.

— Porque insistes em fallar do que mais me não deve lembrar? O que está feito, já não tem remedio.

— Bem no sei; e ainda mal.

— Pesa-te de estar comigo?

— Não; a felicidade não pesa a ninguem. Mas sinto-me tão feliz, que quizera vêr todos tão felizes como eu. Agora que sei o amor que me tens, que não receio ser enganada por ti, tenho dó dessa rapariga que desde pequena te ama, que nunca teve outra idéa senão passar a vida toda comtigo.

— Mas que se lhe ha de fazer?

— Nada: bem sei que nada se póde fazer. Nem eu consentia agora que tu fizesses coisa alguma para a consolar do seu amor malogrado — accrescentou a bella rapariga, sorrindo e fazendo um gesto de ameaça. — Olha, o meu coração é uma coisa que nem eu posso entender. Ha pouco tinha ciumes de Thereza, quasi que lhe tinha odio por ella te amar; agora tenho-lhe sympathia por isso mesmo. Quando me lembro que Thereza te julga morto, e que tem chorado por ti noites e dias inteiros, quizera ir ter com ella, e contar-lhe tudo, dizer-lhe que ainda és vivo... Mas seria peior, talvez, para ella. Melhor é que te julgue morto: a dôr ha de lhe passar, como passa a todos, e ficar-lhe-ha a saudade, que é um suave e consolador sentimento.

— Tens um coração de anjo, Margarida.

— Tenho um coração que te sabe amar muito, e muito!

Um beijo de amor cortou a phrase nos labios de Margarida; e o que a voz não poderia exprimir, disseram-no então os suspiros, as caricias, os sorrisos os longos olhares nublados por lagrimas de ternura, esses mil requebros, emfim, que compõem a linguagem dos amantes; a mais persuasiva, a mais eloquente, a mais sublime linguagem, que no mundo se falla.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

[Continúa.]

INNOCENCIA.

Leia-me a virgem que á tarde,
Á hora em que baixa o sol,
No jardim passeia e pára
Quando escuta o rouxinol.

A. F. DE CASTILHO.

329 Formosa meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero,
Fallar-te fallas d'amor.

Vem commigo; vamos ambos
Sentar-nos ao pé do mar.
É lá que pódes sem medo
Com as conchinhas brincar.

Verás as ondas pulando
Na praia virem morrer;
Levantarem-se orgulhosas
Para depois fenecer.

Contarás, uma por uma,
As estrelinhas do céu;
São como tu innocentes,
Fulguram livres, sem véu.

Verás a lua saudosa
Vir as aguas pratear;
Vêl-a-has depois tranquilla
Ir-se nas ondas banhar.

Formosa meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor.

Amanhã virás commigo,
A festejarmos o sol,
Que tinge as grimpas dos montes
Desse pallido arrebol.

Lá verás como são bellos
Esses puros raios seus.
Ambos iremos á tarde
Dizer-lhe o ultimo adeus.

Verás então as campinas
De saudades a chorar;
As flores verás pendidas
Pelos troncos a murchar.

São saudades... tu não sabes
Bem ao certo o que ellas são.
Para as ter... ai! não as queiras,
Soffre muito o coração!

Mas verás, verás pendidas
Inda a carpirem seu mal,
O jasmin na hastea debil,
A rosa no seu rosal.

Não lhe queiras sondar maguas,
Nem os segredos saber.
P'ra viver assim a vida,
É melhor antes morrer.

Formosa, meiga innocencia,
Casta filha do Senhor.
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor!

* * *

A LITTERATURA.

XII

(Continuado de pag. 310.)

330 Se porém naquelles tempos encontramos um grande numero de vocabulos que mostram quanta similhança havía entre ambas as linguas, é certo que posteriormente tomou a nossa lingua outro caracter, e se tornou inteiramente diversa, por maneira que não póde já hoje haver a mesma liberdade de introducção de termos e frases no idioma portuguez. — Exemplifiquemos isto com uma frase citada no «Glossario» *Templos, cujas torres sobem, e se elançam para Deus.* Esta frase é a traducção litteral de outra correspondente em francez: *Des temples, dont les tours montent et s'élancent vers Dieu.* Poderemos acaso trazer para a nossa lingua o verbo *elançar-se*, embora seja muito energico e expressivo no francez o correspondente *s'élancer?* Que necessidade temos de um tal vocabulo? Em qual dos nossos bons escriptores o encontramos? Devemos preferil-o aos termos portuguezes: *arremeçar-se*, *abalançar-se*, *arrojar-se*, talvez *arremeter*, e na frase citada, *subir ás nuvens*, *tocar o céu*, ou *ir ás nuvens* e *tocar o céu*? Não fica por ventura mais elegante, mais verdadeiramente portugueza essa frase, dizendo-se: *Templos, cujas torres vão ás nuvens e tocam o céo?*

Necessitamos pois hoje de uma boa carta, onde venham marcados os escolhos e baixios, em que teem naufragado pilotos inexpertos; e por ventura encontramos essa carta no «Glossario»; interessante livro de que muito careciamos, e que póde servir de seguro guia aos que présam a pureza da nossa lingua.

É de toda a justiça pagar nesta occasião um tributo de reconhecimento ao já citado Francisco Manuel do Nascimento pelos relevantes serviços, que neste particular prestou á nossa lingua, pelejando corajoso e incansavel, — direi até — enthusiasta e apaixonado, contra os que em traducção, ou em obras originaes desfiguraram a natural formusura e galhardia de tão rico idioma. Em todas as suas obras deu mostras do quanto tomou a peito essa crusada de nova especie, mas sobre tudo é notavel e digna de ser lida uma e muitas vezes a sua inimitavel «Epistola» sobre a *arte poetica e lingua portugueza.* — Honrosa e muito distincta menção devemos fazer tambem do excellente trabalho de philologia que acima apontámos, e vem a ser: *Ensaio critico, sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo XV e XVI, e deixaram esquecer os que depois se seguiram até ao presente, por Antonio das Neves Pereira.*

Neste precioso trabalho, cuja leitura não podemos recommendar assaz, consagra o erudito auctor dois extensos paragraphos ao assumpto de que vamos tratando, e são o 3.º e 4.º do capitulo 3.º, um dos quaes tem por titulo: *Do abuso das palavras, e idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza* — e o outro: *Origem do abuso de palavras, e idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza.*

Para bem se avaliar o que a este respeito sente o judicioso academico, bastará transcrever o seguinte trecho: « É indizivel o que se tem « accumulado de francezias, não só em tradu- « ções portuguezas, mas até em obras de va- « rios generos; de fórma que mais necessita a « mocidade portugueza hoje de diccionario fran- « cez para entender os livros da lingua mater- « na, do que do diccionario da mesma lingua. »

E note-se que é tanto mais ponderoso este juizo, quanto o erudito critico, adoptando o conceito de Ferreira:

Geralmente foi dada boa licença
Ás linguas: umas ás outras se roubaram:
Só o bom sprito faz a differença;

entende que é direito commum nas linguas da Europa o soccorrerem-se e ajudarem-se mutuamente, e que mais prompto e facil recurso temos nas linguas modernas para a provisão de vocabulos, pela communicação que com ellas te-

mos, do que na lingua latina, que é morta ha muito tempo. No que respeita á lingua portugueza, diz elle, tanto menos se póde vituperar, que naturalizemos varios vocabulos da lingua franceza, visto que della temos muitos e antiquissimos, que nos vieram com a monarquia, e outros que já estavam de assento antes della — parte dos quaes estão antiquados, parte ainda se conservam de posse nos monumentos dos nossos insignes escriptores, e na mesma linguagem commum.

È pois este critico quem lamenta as nocivas mudanças que á pureza da nossa lingua, á sua elegancia e energia trouxeram as *francezias*, substituindo-se, sem necessidade e sem escolha, a excellentes vocabulos portuguezes uma alluvião de expressões estranhas, que nem nasceram para nós, nem se ajustam com as nossas.

Como se introduziu nos nossos dominios essa fatal epidemia dos gallicismos? « A maior parte, « diz o auctor do *Ensaio Critico*, dos que se de- « ram ao estudo dessa lingoa (franceza), era gente « que nunca estudou a lingua portugueza, nem « a leram nos nossos auctores classicos. . . . . « Não tendo á mão os termos proprios, e ele- « gantes da nossa lingua, não havia coisa mais « facil, que aportuguezar qualquer termo, qual- « quer phrase, que se offerecesse no contexto de « uma obra, ou porque julgassem que assim os « tinham em portuguez, ou porque lhes parecia « a lingoa pobre, e os taes vocabulos necessa- « rios!!. . . — Noutros não era era tanto falta « de conhecimento da lingoa, nem dos auctores « nacionaes, como uma especie de enthusiasmo, « que lhes fazia considerar no estilo francez não « sei que de mais relevante. Commetteram-se « traducções de varias obras, e tratados aos aven- « tureiros, que se presumiam capazes de simi- « lhante empreza, ou elles mesmos as offere- « ciam, sem esperar que os rogassem; e nas « circunstancias presuppostas, sendo taes tra- « ducções feitas muito á pressa, umas inspira- « das pela fome, outras pela presumpção, sa- « hiam taes como se póde esperar. O que mais « admira é, que muitos homens doutos, e ver- « sados nos nossos auctores. . . se deixaram (não « sei como) levar da torrente, e abraçaram as « francezias, querendo mais comprazer com o « gosto dos insensatos, do que seguir a pru- « dente austeridade de pequeno numero dos cen- « sores judiciosos: e o peior é, que o seu exem- « plo, talvez a seu pesar, tem servido de au- « ctorisar, e propagar a corruptella, principal- « mente nos pulpitos, onde. . . a doutrina de « Christo já por moda costuma ter mais de frase « franceza, que de frase evangelica. »

Qual conclusão tira a final o auctor do « *Ensaio Critico* » da doutrina que expõe? É esta: De que manifestamente se colhe a urgente necessidade, em que estamos de expurgar a nossa lingua, e fazer a mais forte opposição á moda prejudicial. . . . . A lingua franceza já nos deu termos bastantes, que estão no nosso thesouro, e tem a prescripção de mui longa e veneranda antiguidade. Conservemos esses que já são nossos, e sejamos parcos e judiciosos no superfluo.

Cabe tambem aqui mencionar-se as *Reflexões sobre a lingua portugueza, escriptas por Francisco José Freire, publicadas com algumas annotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis em* 1842. — A reflexão 5.ª da 1.ª parte desta obra refere-se aos vocabulos francezes e italianos, novamente introduzidos na lingua portugueza; e ahi apresenta-se o auctor a decidir entre os amantes da pura linguagem portugueza, e os defensores das vozes novas, dando a seguinte sentença: « . . . . Uns e outros tem rasão. Os escru- « pulosos, porque é certo, que havendo para ex- « primir qualquer coisa, termo nacional, e usado « pelos auctores, que são textos, não se deve « adoptar um novo; porque de outro modo nunca « se verificará que um escriptor é de linguagem « mais pura do que o outro, e seria vão o nome « de classico, que se dá áquelles auctores que o « mereceram. — Os escriptores indulgentes tem « rasão em procurarem, á maneira das outras « nações, e vivamente protegerem a introduc- « ção de vocabulos expressivos e precisos, quando « não podérem exprimir uma coisa, se não por « longa, e tediosa circumlocução. — Eis-aqui o « como nos parece que devem concordar os dois « partidos, ambos excessivos: um porque nada « permitte, ainda havendo precisão, outro por- « que tudo concede, ainda havendo necessidade. »

Temos por mui judicioso este modo de ver as coisas; mas lamentamos que o auctor não désse maior extensão e desenvolvimento ao assumpto, que em verdade requeria ser tratado menos concisa e resumidamente do que elle o faz. — Veja-se a erudita nota á 5.ª Reflexão, que se encontra de pag. 168 a 170 da 1.ª parte da obra.

No 1.º volume do « Panorama » (1837) vem um artigo muito conceituoso, que tem por titulo « Gallicismos » e começa assim: « A leitura fre-

« quente dos livros francezes tem corrompido a « nossa linguagem por tal maneira, que já hoje « é impossivel desinçal-a dos gallicismos, nomea- « damente os de phrase, em que abunda. »

O erudito auctor desse artigo não decide a questão de saber, se algumas construcções daquella lingua, extremamente regular, serão boas de ageitar ao nosso idioma; mas tem aliás por incontestavel que a licção de auctores francezes poz em esquecimento os portuguezes, e que, sendo a nossa lingua abundantissima, e escaça a franceza a muitos respeitos, pela falta de conversar os escriptores nacionaes, encurtamos e empobrecemos as fórmas e os elementos do discurso. Ainda da leitura das obras francezas se segue outro grave damno, e vem a ser, que até tratando de materias curiosas, os livros portuguezes enfastiam, porque quem está habituado a certas idéas, e a certa ordem e disposição dellas, não gosta do que vae fóra daquelle trilho que costumou seguir. — Poderemos remediar até certo ponto estes inconvenientes? Sim, tornando mais accessiveis as fontes da lingua classica portugueza, por meio de uma collecção de pedaços selectos dos escriptores portuguezes, — pela reimpressão economica dos nossos melhores classicos, — e finalmente por meio de traducções bem castigadas de boas obras estrangeiras.

Será verdade que se não pódem lêr os nossos classicos em rasão dos assumptos que trataram? Será exacta, em geral, a expressão que a respeito de alguns se empregou, chamando-lhes *tulhas de dormideiras*, em consequencia de se occuparem pela maior parte de vidas de santos, de sermões, historias de conventos, de frades, de milagres, de genealogias estereis, de amplificações bombasticas de combates, etc. etc.?

Não, mil vezes não. Pódem a preguiça, e o desamor das coisas patrias inventar quantos pretextos quizerem, mas a todo o tempo estará ahi para responder triumphantemente a calorosa invectiva do Sr. Garrett:

« Vergonhosa desculpa! Com que as Decadas « de Barros, que foi talvez o primeiro que in- « troduziu com feliz execução o estylo classico na « historia moderna, são chronicas de conventos? « Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que « excreveu uma viagem regular da China e dos « estremos d'Azia, são vidas de santos? E des- « sas mesmas vidas de santos, quantas dellas são « de summo interesse, de divertida e proficua lei- « tura! A vida de D. Frei Bartholomeu dos « Martyres tem toda a valia das mais gabadas « memorias historicas, de que hoje anda cheia a « Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco « interessantes. Quando outra coisa não conti- « vesse aquelle excellente livro senão a narração « do Concilio de Trento, a viagem e estada do « arcebispo em Roma, já seria elle uma das mais « curiosas e importantes do seculo 16.° E D. « Francisco de Mello, e Rodrigues Lobo, e Ca- « mões, e grande cópia de poetas de todos os « generos, tudo isto são sermonarios, vidas de « santos? »

Temos appresentado tudo quanto de mais substancial póde dizer-se ácerca do assumpto de que nos occupamos; cumpre porém não ommittir a indicação de outros pontos de vista, sob os quaes póde ser encarado o mesmo assumpto.

J. S. RIBEIRO

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

SOCIEDADE D'AGRICULTURA.

331 No proximo Domingo, 30 de Março, pela uma hora da tarde, deve ter logar na sala do Gremio Litterario (rua Nova do Carmo n.° 5) a reunião de todas as pessoas que quizerem concorrer para a fundação da Sociedade d'Agricultura. Lisboa 25 de Março de 1851.

O secretario interino

J. M. DE O. PIMENTEL.

TRIBUNAL DA BOA HORA.

332 Passou em silencio um dos processos mais importantes, que se tem julgado nos tribunaes de Lisboa, não tanto pela materia que fazia objecto da accusação, como pela maneira brilhante com que se houveram os dois Advogados, pela parte do auctor e réo. A discussão da causa principiou pelas dez horas da manhã do dia 26 do corrente; e terminou ás 4 horas da manhã do dia seguinte. A concorrencia foi numerosissima; o tribunal esteve constantemente cheio, até os corredores; retirando-se muita gente por não lhe ser possivel achar logar.

O que mais attrahia todo este concurso era a já conhecida reputação do Advogado da accusação Pinto Coelho, e o nome do orador, por parte da defeza, o Sr. José Estevão Coelho de Magalhães.

O triumpho que este Advogado alcançou no fóro não foi inferior aos que já obtivera na tribuna parlamentar. Era a primeira causa desta ordem que defendia. A accusação foi engenhosa, preciza, e conduzida com aquella habilidade e talento, que ninguem póde contestar ao distincto Advogado o Sr. Pinto Coe-

lho. A defeza respondeu com aquella eloquencia e philosophia do direito cujo segredo só conhecem os que estão destinados a precorrer uma brilhante carreira no fôro; podemos affiançar que abriu uma nova era na sciencia dos jurisconsultos.

Da anatyse do antigo direito, e da legislação moderna, da sua comparação textual e philosofica, o orador elevou-se aos verdadeiros e altos principios que hoje devem regular a justiça das sociedades modernas. Acima dos Pegas, Paiva e Pona, Vallascos e Aroucas está uma cousa que não póde ser contradicta por nenhuma geração de rabulas; nem por auctoridade de praxistas; é o instincto do verdadeiro direito, encarnado no coração do homem, donde derivam as maximas, por que devem guiar-se todas as decisões humanas.

O discurso foi em geral de uma eloquencia superior, sobresahindo especialmente no exordio e na peroração. Arrebatou e convenceu. Os jurados absolveram.

OIRO DA SIBERIA.

333 «O velho Herodoto (diz Mr. Michel Chevalier) tinha asseverado que o norte do nosso continente encerrava minas de oiro de extraordinaria abundancia. Referiu como este metal era successivamente transmittido aos gregos pelos arimaspes, que o extrahiam e d'alli por via dos issedões e massagetas; mas, esta asserção do pae da historia esteve por muito tempo condemnada ao rol das fabulas, provavelmente porque a misturou com o conto dos griphos que suppunha guardas do metal precioso, aos quaes os arimaspes o arrebatavam.»

Eis, porém, que temos uma justificação completa, e até pelo que toca aos griphos aproximadamente, do que tinha passado por uma patranha.

Apenas haverá seculo e meio que a Siberia propriamente dita começou a produzir metaes preciosos. Era a principio uma producção mui diminuta, e só n'algumas localidades dos montes Uraes. Mas em 1810, o descobrimento de duas betas mui formosas excitou as pesquizas, e em 1823 os productos já eram consideraveis. Pouco depois, a 2.000 kilometros do Ural, mesmo no coração da Siberia, na cordilheira do Altai (nome que significa montanha de oiro) descobriram-se novas alluviões auriferas. A quantidade de oiro extrahida alli em 1828 não passa de 7 kilogrammos: vinte annos mais tarde em 1848 eleva-se a 22:756 kilogrammos. Em summa na Siberia e no Ural em 1848 a extracção foi de 30:570 kilogrammos de oiro fino.

As partes da Siberia onde se encontraram e se exploram estas minas de oiro, tambem appresentam minas de chumbo argentifero, de estanho, e de ferro: e para terem toda a similhança com os terrenos auriferos do Brasil, acham-se pedras preciosas. As minas da Russia boreal produzem ha annos uma quantidade de metal, que excede o que deu a America no mais prospero tempo do Brasil, e que é o duplo do que ella tem dado desde o começo do seculo.

Herodoto, portanto, tinha rasão; até a fabula dos griphos guardadores do precioso metal tem sua explicação: ossadas de grandes quadrupedes, similhantes aos elephantes e rhinocerontes, existem bem conservadas na camada de terreno que cobre os bancos das alluviões auriferas. As tribus indigenas, raça de caçadores, imaginam serem aquelles ossos, segundo refere Mr. de Humboldt, as garras, bico e cabeça inteira de aves gigantes.

Mas, quando o mundo antigo, representado pela Russia, parecia ganhar a superioridade sobre o Novo-Mundo na producção do oiro, interveio a California para restituir á America a supremacia, ainda que possam reputar-se algum tanto exaggeradas as relações das riquezas auriferas recentemente descobertas.

BANCO DO HOSPITAL DE S. JOSÉ.

334 Consta que fôra nomeado para Director do Banco do Hospital de Lisboa o Sr. Cardoso Klerk.

O logar esteve a concurso — e opposeram-se varios cirurgiões, entre os quaes se contava o Sr. Ribeiro Vianna. Os amigos deste cirurgião, dizem que se lhe fizera injustiça; provavelmente outras considerações resolveram a decisão que annunciamos. Com effeito tem-se o Exm.º Sr. Sequeira Pinto conduzido com tanta imparcialidade e justiça em todas as informações, que tem remettido para o Governo sobre os candidatos aos logares de Facultativos no Hospital, que não podemos accreditar que Sua Ex.ª se conformasse com uma quebra nos seus sentimentos. Hoje já lá não valem os empenhos dos *padrinhos*; e por isso nós felicitamos o Sr. Klerk pela sua nomeação.

BIBLIOGRAPHIA.

335 Publicou-se a 2.ª edição do COMPENDIO DE CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA, para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria, por *João Felix Pereira*, lente de geographia, chronologia e historia no Lycêu nacional de Lisboa.

Vende-se por 240 réis na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

—

COMPENDIO DA DOUTRINA CHRISTAN E EXERCICIO CHRISTÃO, Confissão e Communhão, Oração Mental, Missa com as Ladainhas de Nossa Senhora, Regra da Vida, etc. composto pelo Padre Joaquim José Leite, superior do Collegio das Missões em Macáo, vende-se por 100 réis na Loja de Lavado, rua Augusta n.º 8.

—

COMPENDIO DA SANTA DOUTRINA E EXERCICIO CHRISTÃO, Confissão, Communhão, Oração Mental, Indulgencias, Missa, Rosario, Ladainha de Nossa Senhora etc. composto pelo Padre Joaquim José Leite, superior do Collegio das Missões em Macáo, vende-se por 200 réis na Loja de Lavado rua Augusta n.º 8.

—

NOVO ABECEDARIO PARA USO DAS ESCOLAS, composto pelo Padre Joaquim José Leite, superior do Collegio das Missões em Macáo, vende-se por 20 réis na Loja de Lavado, rua Augusta n.º 8.